

Isabelle Mons

**A resistência das primeiras  
mulheres psicanalistas:  
um pensamento da insubmissão**

## Resumo

As mulheres também fizeram psicanálise. Vindas de toda a Europa, elas seguiram um destino audacioso, e normalmente trágico, ao se introduzir no coração do círculo freudiano em seu início, contribuindo para o desenvolvimento dos debates; Sem sua insubmissão ao papel atribuído às mulheres do século XIX, Sabina Spielrein, Tatiana Rosenthal e Lou Andreas-Salomé – três irmãs intelectuais vindas da Rússia –, sem dúvida, não teriam conseguido enfrentar o desafio de ficar na memória coletiva como as pioneiras de uma reflexão nova sobre o ser neurótico. Decorrente de sua libertação dos códigos morais e sociais, o pensamento de insubmissão delas prova que a dissidência é a fonte da genialidade.

**Palavras-chave:** mulheres psicanalistas; Lou Andreas-Salomé; Sabina Spielrein; Tatiana Rosenthal; Tzvetan Todorov

## Résumé

Les femmes aussi ont fait la psychanalyse. Venues de toute l'Europe, elles ont suivi un destin audacieux, souvent tragique, s'introduisant au cœur du cercle freudien à ses débuts, en contribuant au développement des débats. Sans leur insoumission au rôle dévolu aux femmes du XIX e siècle, Sabina Spielrein, Tatiana Rosenthal, Lou Andreas-Salomé, trois sœurs intellectuelles venues de Russie, n'auraient sans doute pas réussi à relever le défi de rester dans la mémoire collective comme les pionnières d'une réflexion nouvelle sur l'être névrotique. Issue de leur affranchissement des codes moraux et sociaux, leur pensée de l'insoumission prouve que la dissidence est la source du génie.

**Mots-clés :** Femmes psychanalystes ; Lou Andreas-Salomé ; Sabina Spielrein ; Tatiana Rosenthal ; Tzvetan Todorov

O\* século XIX europeu abrange as revoltas daquelas que, muitas vezes mantidas em prisão domiciliar, ocupavam as funções de dona de casa, de esposa e mãe, devendo, aos olhos do julgo coletivo, resumir-se a isso. Camille Froidevaux-Metterie aponta que, nessa época, é "a *virtude* que faz das mulheres indivíduos de segunda classe, caracterizando um temperamento delicado e uma certa fragilidade" (FROIDEVAUX-METTERIE, 2014, p. 69). No entanto, vozes discordantes se elevam e uma força cresce entre as mulheres em luta. Elas conquistaram mais liberdade ao se interrogar sobre a finalidade de seu "ser mulher". Escrever sobre aquelas que desenvolveram a psicanálise, visa mostrar a maneira com que a segunda metade do século XIX abre espaço para seres que ainda são minorias. No entanto, desde as décadas de 1870-1880, na Alemanha e na Inglaterra, as mulheres se reúnem em associações com o intuito de fazer-se ouvir.

Os países de língua germânica, a Áustria evidentemente, mas a Alemanha e também a Suíça, verão nascer o que ninguém admitia ser uma nova ciência: a psicanálise. Desde seu surgimento, até sua exportação para o centro da Europa e para além do Atlântico, no Brasil, por exemplo, com Juliano Moreira, assim como de leste a oeste, além das planícies Russas, a análise do sofrimento psíquico se tornará, pouco a pouco, um novo desafio e as mulheres assumirão um papel vanguardista. Como se deu a integração no cerne de uma congregação de homens essencialmente voltada para uma problemática masculina? Foi preciso, mais do que coragem, a audácia de conquistar um lugar na cena dos debates, muito frequentemente às custas de suas trajetórias pessoais, predeterminadas a serem uniformes. Se existia algum conforto em suas vidas, o mesmo foi questionado pelo desejo de compreensão do mal-estar psíquico, temática nova quando a mulher e a criança tornam-se ponto central. Seus textos são a expressão mais reveladora da insubmissão à sua condição de mulher. Ela é, segundo o filósofo Tzvetan Todorov (2015), uma contrarreação à opressão, ao mesmo tempo uma resistência e uma afirmação, que visam a revalorização da moral a serviço da verdade. Trata-se de obedecer resistindo, o que torna a insubmissão dessas pioneiras um ato de engajamento excepcional. Para a primeira geração, nascida entre 1860 e 1885, a insubmissão está ligada ao modo de vida, à maneira de conceituar suas próprias experiências.

---

\* Isabelle Mons – Professora de literatura na Université Paris 13.

Ser uma mulher significava resistir aos códigos sociais e morais; ser uma analista significava ouvir as preocupações dos parceiros masculinos que ignoravam a reorientação que uma mulher poderia dar às teses freudianas. Às suas próprias custas, as pioneiras forjaram o cenário do feminismo do século XX e o fizeram conscientes do combate que travavam por valores mais justos. Mas teriam elas apenas consciência da proporção de sua participação na defesa da causa feminista? Será que responderam a uma *Weltanschauung* comum que teria originado sua modernidade enquanto mulher?

A insubmissão é, antes de tudo, a expressão de uma busca afetiva e intelectual. A questão é saber se a mesma é uma condição preparatória do terreno para a criação que, sob tal perspectiva, se tornaria uma forma de resistência ao domínio do masculino sobre o feminino, assim como uma reação à solidão imposta pela conquista da independência, necessariamente subversiva para seus parceiros de ideias.

### A insubmissão das mulheres a serviço do humano

Evocar as insubmissas na psicanálise evidencia que, também nesse domínio, existe uma hierarquia de saberes e que as pioneiras, tidas como subordinadas, desobedeceram à ordem legal. Ora, é necessário lembrar que o pai da psicanálise tolerava mal a dissidência em meio ao grupo de analistas. Nesse sentido, fundou, em 1902, a Sociedade psicológica das quartas-feiras, em que qualquer membro deveria jurar fidelidade à psicanálise freudiana. Primeiro círculo da história do freudismo, essa sociedade reunia à mesa de Freud, entre outros, Alfred Adler, Wilhelm Stekel, Otto Rank, Isidor Sadger. Até 1907, vinte e dois membros ativos consagravam cada quarta-feira a um debate dirigido por Freud e conduzido por um orador designado através de sorteio. A discussão tinha início após sua conferência. Graças ao relatório detalhado das sessões conduzidas por Otto Rank desde 1906, as "Atas da Sociedade Psicanalítica de Viena" são um documento inigualável no sentido de compreender a maneira com que o movimento se consolidou, assim como as etapas que levaram a Grã-Bretanha, a Hungria e a Alemanha a acolher essa nova ciência, antes dos Estados Unidos. Entre 1902 e 1938, quarenta e três mulheres, contra cento e sete homens, foram então eleitas membros ordinários e extraordinários. As primeiras psicanalistas exerciam essencialmente a clínica, talvez para que não representassem oposição aos homens mais solidamente reputados por suas teorias. Sua entrada no círculo psicanalítico é contemporânea ao

acesso aos estudos e responde à preocupação com a emancipação. Assim como o afastamento de Alfred Adler em 1911 e, em seguida, de Carl Gustav Jung, em 1913, marcou o movimento com uma onda de hostilidade, em que os discípulos, ou mesmo "filhos" espirituais, passaram a se destacar por sua dissidência, as colegas de Freud eram conhecidas por sua presença inicialmente discreta, que deveria, por vezes, transformar-se em desobediência. Como dizer não ao mestre que não via com bons olhos o fato de ser confrontado por um discípulo cujo saber conduzia à superação de suas teses? A recepção da psicanálise pelas mulheres é inicialmente marcada pela adesão total às teses freudianas. A questão do feminino é rapidamente levantada sem que a mesma seja relacionada ao feminismo; ela é incorporada por aquelas que tiveram que se libertar do discurso normativo sobre a feminilidade para finalmente deixar emergir o interesse primordial pelo humano.

Minha reflexão se dá a partir do trabalho de historiadores da psicanálise, Elisabeth Roudinesco que, no dia 13 de outubro de 1997, deu uma conferência na Universidade de Columbia sobre "as primeiras mulheres psicanalistas", depois de John Forrester e Lisa Appignanese, com *Freud's women*, lançada em Londres em 1992, que coloca a mulher como fonte de inspiração e apoio para Freud, evocando as grandes figuras significativas de sua família, suas pacientes e colaboradoras. Minha abordagem pretende ser fiel a uma leitura histórica do assunto, mas o retorno aos textos parece inevitável, a fim de compreender melhor a relação intrínseca que conseguiu reconectar, nessas mulheres, o vivido e o escrito. Nessa Mitteleuropa, tão apreciada por Stefan Zweig, antes de ser dominada pelo caos, a obra dos primeiros analistas é um alicerce importante para a compreensão universal do sujeito em sofrimento. Seus relatos pessoais (correspondências, diários, cadernos) e seus textos teóricos atestam esse engajamento progressivo.

A psicanálise é de origem germânica e são as mulheres que vão exportá-la. Elas serão, apesar de tudo, mediadoras que saberão assumir riscos. O primeiro ponto em comum, portanto agregador, é de característica cosmopolita. Elas entram na psicanálise através de um deslocamento e a resistência aos códigos que encerram a mulher em suas fronteiras inserem-nas entre as personalidades mais audaciosas da história cultural do século XIX. Tomaremos como exemplo três fundadoras: Sabina Spielrein, Tatiana Rosenthal e Lou Andreas-Salomé, que não hesitaram em deixar a Rússia czarista, seu país de origem, para introduzir-se em meio ao círculo de ideias europeias.

## A insubmissão ou a busca intelectual de Sabina Spielrein e Tatiana Rosenthal

Sabina Spielrein (1885-1942), a quem David Cronenberg justificadamente dá destaque em seu filme "A Dangerous Method", chega na Europa em 1904, para receber tratamento na clínica Burghölzli, onde trabalhava um jovem médico, recentemente formado junto a Pierre Janet, em Paris: Carl Gustav Jung. Zurique, onde faz análise, e Viena, onde pede a Freud, em 1909, para aconselhá-la sobre sua ligação conflituosa com Jung, seu amante analista, são etapas de um caminho pessoal doloroso. Sabina Spielrein encontra na psicanálise uma saída profissional para um mal-estar pessoal. Mas a relação transferencial mantida com Jung é terreno de uma busca profunda: curar os sintomas histéricos e desenvolver uma reflexão analítica que ela sente despontar, enquanto Jung a escolheu para acompanhá-lo ao longo dos testes de associação livre e do debate sobre a esquizofrenia com Eugen Bleuler. É possível que a cura através do amor tenha garantido sua recuperação da neurose. Certamente, sua impaciência em ser reconhecida pelo amor, até mesmo devoção, que sentia por seu analista, transforma-se rapidamente em uma recusa categórica em se conformar às regras do silêncio. Em 1909, escolhe Freud como mediador distante, que aconselha a jovem mulher a estabelecer sua independência em relação a Jung que, após ter sido seu terapeuta e, em seguida, seu amante, não a valorizou enquanto mulher, nem enquanto analista. Essa busca por reconhecimento encontra no trabalho – um doutorado em medicina e, em seguida, na prática da psicanálise - realização concreta: sua obra é marcada pelo esforço do sujeito em sofrimento que sobrevive à provação. No dia 8 de novembro de 1911, Sabina Spielrein confirma a legitimidade de seu lugar em meio ao círculo freudiano<sup>1</sup>, ao falar sobre "a pretensa atemporalidade do inconsciente" e é favoravelmente destacada pelo pai da psicanálise. Sua segunda intervenção, no dia 15 de novembro de 1911, "Sobre a morte e a sexualidade", é uma etapa marcante em relação a sua reflexão sobre a relação entre a pulsão sádica e a pulsão de morte, que a

---

<sup>1</sup> Antes de Sabina Spielrein, Margarethe Hilferding (1871-1942) foi a primeira mulher eleita para a Sociedade Psicanalítica de Viena, no dia 4 de maio de 1910, com muitos votos. Ela também foi a primeira mulher a defender um doutorado em medicina, na Universidade de Viena, no dia 23 de dezembro de 1903. Esposa do socialista Rudolf Hilferding, ela defende a tese de uma medicina a serviço dos menos favorecidos. Essa convicção a encorajou a vincular-se ao campo de Alfred Adler e a praticar uma psicanálise mais "social".

terceira, intitulada "A Transformação", corrobora com a mesma convicção: a pulsão sexual, seja a pulsão de vida ou de criação, contém um elemento destrutivo concomitante à promessa de futuro. Um ano mais tarde, em 1912, é publicado "A Destruição como Causa do Devir", um dos mais importantes ensaios de Sabina Spielrein, em que explica que o fundo trágico da existência é realmente o terreno onde o indivíduo crucifica a consciência de si mesmo, entendida como o resultado de um equilíbrio: todo corpo unido a outro se descobre deformado em sua composição primeira, ao mesmo tempo destruído e procriado, o feminino e o masculino, o instinto de vida e de morte. Seu pensamento é novo e incomoda: a "procriação" de um elemento por outro poderia fazer crer no domínio mútuo de sujeitos; ora, é em meio à parte negativa de si que surge a força vital; aquilo que poderíamos acreditar estar subjugado, até mesmo abolido, revela-se frutificante. Carl Gustav Jung, que se questionou muito tempo sobre a natureza da relação íntima com sua discipula, rende-se à evidência e faz referência a essa reflexão vanguardista, na segunda parte de "Metamorfoses e Símbolos da Libido" (1912), enquanto Freud cita-a em "Além do Princípio do Prazer" (1920).

Em 1912, Sabina Spielrein casa-se com o médico Pavel N. Scheftel, com quem voltará a se instalar na Rússia, mesmo destino de sua colega Tatiana Rosenthal (1885-1921), que trabalhará no "lar experimental para crianças" de Moscou. Essa colega russa passa como um cometa na paisagem psicanalítica. Doutora diplomada pela Universidade de Zurique em 1910, ela terá apenas um objetivo: unir o freudismo e o marxismo e matizar o debate político apoiada em valores feministas. Provedora da família, membro da Sociedade Psicanalítica de Viena, trabalhando no Instituto de pesquisa de patologia cerebral, especializou-se junto às crianças com deficiência mental da policlínica. Intima das teses de Alfred Adler, para quem a neurose teria uma origem orgânica, ela passará do interesse pela insubmissão ao engajamento na revolução russa, em 1917. Essas mulheres do exílio encontraram no deslocamento o lugar de afirmação de si mesmas. Seus destinos não se parecem em nada com o de sua antecessora, grande amiga de Freud, Lou Andreas-Salomé.

## A insubmissão ou a tranquila rebelião de Lou Andreas-Salomé

Ignoro totalmente o que representa exatamente esse 'nós' - de certa forma, e provavelmente, ideal ou filosófico - e de minha parte, conheço apenas o 'eu'. Não posso conformar minha vida a modelos, nem poderia jamais constituir um modelo para quem quer que seja; no entanto, é certo que conduzirei minha vida de acordo com o que sou, seja como for. Desse modo, não defendo princípio algum, mas algo muito mais maravilhoso: algo que está em nós, que queima com o fogo da vida, que exulta e necessita jorrar" (ANDREAS-SALOMÉ, 1986, p. 78).<sup>2</sup>

Lou von Salomé (1861- 1937) tinha dezoito anos quando se dirigiu nesses termos ao pastor Hendrik Gillot, pelo desejo de viver sem uma dama de companhia, em Berlin, 1885. Seu encontro com o filósofo Friedrich Nietzsche, três anos antes, em Roma, marca definitivamente seu percurso: o nietzschianismo relança o debate sobre a antropologia herdada do iluminismo, sob a influência do ceticismo e do pessimismo colocados a serviço de novos valores. O ser dotado de razão torna-se capaz de elevar-se a um estado superior de humanidade. Mas ele pode regredir a estados primitivos inerentes à sua natureza. Fazendo do conhecimento, assim como da busca pela verdade, a base de seu pensamento, Lou Andreas-Salomé segue os passos de seu mestre, vinculando-se ainda mais à *Lebensphilosophie*, com a publicação do ensaio que será um marco: "A Humanidade da Mulher" ("Der Mensch als Weib"). O primeiro sinal de sua insubmissão gira em torno da temática psicologizante. Na pessoa de Nietzsche, Lou von Salomé encontra o mestre da chamada "psicologia das profundezas", cuja obra é apenas, segundo o mesmo, a confissão de sua própria natureza. É a obra de um homem já enfraquecido pela doença, que a perda da visão encoraja a pedir a jovem amiga em casamento, a fim de transformá-la em sócia e discipula, tal a similaridade de seus pensamentos: a perda de Deus, o eterno feminino, a escrita enquanto auxílio para o ser em sofrimento. Essa última questão se tornará a principal preocupação da jovem mulher e, logicamente, a conduzirá através dos caminhos da psicanálise. Entre a psicologia das profundezas e a psicologia do segundo plano do consciente, que Freud chamará em fim de psicanálise, o interesse de Lou Andreas-Salomé pelos conflitos

---

<sup>2</sup> *Dabei hab ich doch keine Ahnung, wer dies "wir" eigentlich wohl ist, irgend eine ideale oder philosophische Partei wahrscheinlich, aber ich selber weiß doch nur was von "ich". Ich kann weder Vorbildern nachleben, noch werde ich jemals ein Vorbild darstellen können für wen es auch sei, hingegen mein eignes Leben nach mir selber bilden, das werde ich ganz gewiss, mag es nun damit gehen wie es mag. Damit habe ich kein Prinzip zu vertreten, sondern etwas viel Wundervolleres, etwas, das in Einem selber steckt und ganz heiß von lauter Leben ist und jauchzt und heraus will. (ANDREAS-SALOMÉ, 1974, p. 78)*



interiores da natureza humana foi, em primeiro lugar, filosófico: em 1894, foi a Berlin com o marido, o professor de estudos sobre o Iran, Friedrich Carl Andreas, e publicou o primeiro estudo do "sistema Nietzsche", o homem e seu pensamento, intitulado "Friedrich Nietzsche através de suas obras". Sua tese apresentaria a obra como "biografia da dor". Essa questão encontra uma de suas mais belas representações no lirismo de Rainer Maria Rilke.

Lou Andreas-Salomé encontra o poeta em Munique, em 1897. A relação entre eles se estreita em dois períodos. Entre o dia 12 de maio de 1897 e o dia 26 de fevereiro de 1901, Lou Andreas-Salomé e Rainer Maria Rilke vivem a apoteose desse encontro, ao mesmo tempo sensual e literário. Musa, mãe e amante, Lou muda o nome do amigo assim como sua escrita, pedindo que a torne menos redonda e mais viril. Ela também partilha suas preocupações religiosas. À questão da fé, une-se o entusiasmo comum pela Rússia, que visitam em 1899 e em 1900. As duas viagens demonstram a contemplação de um país em declínio, cujos ímpetus revolucionários ambos querem ignorar. Selam acima de tudo amor entre eles e não a ruptura. O último contato de Lou Andreas-Salomé soou como um agouro, no dia 26 de fevereiro de 1901, quando constata

novamente essa paralisia da vontade, entrecortada por sobressaltos nervosos que rasgam o teu tecido orgânico ao obedecer cegamente às mais simples sugestões [...]! Mais uma vez, essas alternâncias de flutuação profunda e de aumentos de tom, de afirmações brutais, sobre o império do delírio e não da verdade! (ANDREAS-SALOMÉ; RILKE, 1985, p. 50)<sup>3</sup>

Nietzsche colocou a jovem Lou ante ao dilema do criador. Quase vinte anos depois, ela desloca esse mal-estar para o âmago do surgimento do discurso psicanalítico. Uma outra terminologia se faz necessária: como traduzir a doença de outra maneira que não a literária? Não se trata absolutamente de uma questão de melancolia ou de estado de espírito, logo estaremos falando da neurose, da sublimação do mal-estar através da arte. Essa reflexão conduz Lou Andreas-Salomé através dos caminhos da psicanálise. Sua marginalidade dá forma a sua modernidade, tanto que, sendo uma mulher, partilha da sede de insubmissão de suas contemporâneas sem, no

---

<sup>3</sup> Wieder den zugleich lahmen Willen neben jähren, nervösen Willenseruptionen, die Deinen organischen Zusammenhang durchrissen, haltlos Suggestionen gehorchten, [...]. Wieder die schwankende Ungewissheit zugleich mit den lauten Accenten und starken Worten und Beteuerungen, voll Wahn-Zwang, ohne Wahrheits-Zwang! (ANDREAS-SALOMÉ; RILKE, 1990, p. 53-54)

entanto, reivindicá-la. Lou Andreas-Salomé, através do trabalho como cronista literária para as revistas mais em voga da Europa, em Munique, Berlin e Viena, assegura sua independência financeira e insiste em querer operar outras maneiras possíveis de abordar as falhas do indivíduo. Esse tema constitui o prisma através do qual a questão da mulher é abordada. Em 1892, a mulher escritora já era conhecida, na Alemanha e nos países escandinavos, por sua análise contundente das "Figuras Femininas no Teatro de Henrik Ibsen": Nora, Hedda Gabler e outras, são analisadas enquanto arquétipos da mulher aprisionada pelo espartilho familiar e colocadas sob o julgo de um olhar social implacável, caso queiram alçar voo. Logo, ao encontrar Rainer Maria Rilke, Lou Andreas-Salomé obtém a confirmação de estar trilhando os caminhos de uma análise em que terá um papel importante a cumprir.

Lou Andreas-Salomé vai além quando, no dia 27 de outubro de 1912, envia sua solicitação a Freud: "Consagrar-me, em todos os sentidos da palavra, a esta causa é o objetivo único de minha estadia" (ANDREAS-SALOMÉ; FREUD, 1970, p. 11) <sup>4</sup>. Essa iniciativa revela sua vocação, em que parece responder a um impulso profundo que ainda espera por sua concretização. Sua presença em meio ao círculo vienense será questionada: como uma mulher das letras, uma "artista", pode ter acesso, de maneira aparentemente tão frívola, à causa psicanalítica, a que todos se consagram com afincos e assiduidade? No entanto, já havia passado por uma formação rigorosa junto a Karl Abraham e Max Eitingon, em Berlin. Chega à estação de Viena, no dia 25 de outubro de 1912, para dedicar-se, até a primavera de 1913, ao estudo das teses freudianas junto aos melhores especialistas. Desenvolve uma relação com o fundador e uma atividade sólida emerge dessa amizade.

"Senti sua falta na sessão de ontem [...]. Adquiri o mal hábito de sempre direcionar minha conferência a uma pessoa determinada da plateia e ontem, não pude evitar fixar meu olhar, como que fascinado, no lugar vazio que lhe havia sido reservado" (*id.*, p. 17)<sup>5</sup>. A homenagem feita no dia 10 de novembro de 1912 se deu apenas duas semanas após a entrada de Lou Andreas-Salomé para o cenáculo freudiano. Sua experiência com a psicanálise está inegavelmente vinculada à pessoa do mestre. Lou Andreas-Salomé não

---

<sup>4</sup> Mich dieser Sache weiter nach allen Seiten zu widmen, ist der einzige Zweck meines Aufenthalts dort. (ANDREAS-SALOMÉ; FREUD, 1980, p. 7)

<sup>5</sup> Ich vermisste Sie gestern in der Vorlesung [...]. Ich habe die Unart angenommen, den Vortrag immer an eine bestimmte Person im Hörerkreis zu richten, und starrte gestern wie gebannt in die Sitzlücke, die man für Sie gelassen hatte. (ANDREAS-SALOMÉ; FREUD, 1980, p. 12)

refutará jamais aquele que representa a "figura do pai" que adota a identidade do cientista – do fundador – e do homem – o racionalista engajado de maneira pessoal, o amigo que estava bastante consciente de estar diante de uma futura analista de outro gênero. Logo após voltar para casa, em Göttingen, em 1913, submete sua reflexão, ao mesmo tempo fiel e livre, e também sua prática, tão insubmissa às regras que fará com que Freud imponha disciplina quanto à duração e o pagamento obrigatório das sessões, à prática da análise.

Analista com intuições metafísicas, Lou Andreas-Salomé fica para a história da psicanálise como aquela que inspirou o mestre em suas teses sobre a feminilidade e o racismo. Sua obra teórica, ainda pouco conhecida, composta de dois ensaios, "Sobre o tipo feminino", e "O Narcisismo como via dupla" (1921), traz teses fundamentais que mostram a singularidade de seu pensamento e o longo isolamento imposto à autora.

A mulher é um ser humano antes de ser o semelhante ou o sexo oposto que luta por igualdade. Ela é *der Mensch als Weib* (1899), ou seja, "o ser humano como mulher", determinado por sua natureza biológica. A sociedade designa-lhe um papel secundário, mas ela é ávida de um saber sobre si mesma e sobre seu parceiro. Na relação íntima com ele, é a mãe pátria para onde o desejo de seu amante se dirige: o erotismo, assim como a criação artística, são pontos de convergência entre dois seres preocupados em retornar às fontes da existência. Graças a sua companheira de vida, ou sua parceira de ideias, o homem retorna à sua origem, tão grande é seu engajamento desde o nascimento. De fato, Lou Andreas-Salomé evoca o conteúdo da busca individual de maneira fiel à "filosofia de vida" nietzschiana: reconstituir o conforto intrauterino a que o nascimento põe fim, ao fragmentar o pequeno ser em meio ao desespero e o medo do universo com que formava, alguns minutos antes, um todo. A totalidade original, eis o objetivo de toda existência: reconstitui-la através da descoberta de seus elos com o mundo que nos cerca. Ao designar tal função ao inconsciente, Lou Andreas-Salomé cria um paradoxo: reivindicar a humanidade da mulher responde à questão do gênero enquanto entidade moral, política e cultural. Ser mulher significa, antes de tudo, ser esse humano que retorna a si mesmo em busca de uma unidade de paz e amor com seu parceiro. Para falar melhor de humanidade, é impossível abstrair o "ser mulher"; este é um fator de completude e não um fator prioritário para determinar a eventual existência de uma diferença entre o masculino e o feminino. A insubmissão de Lou Andreas-Salomé não teve a mesma envergadura que a de outras pioneiras da

psicanálise, que lutaram através de seu modo de viver e de pensar. Neste sentido, é preciso evocar figuras marcantes do século XX que deram seus nomes a uma corrente, como Melanie Klein.

Durante o século XIX, os primeiros passos de insubmissão fundaram o debate sobre a diferença entre os sexos, mas essas três personalidades não predeterminaram a questão do fosso entre gêneros. Para tornarem-se "transmissoras" do saber psicanalítico, essas mulheres agiram às custas de sua reputação pessoal, aparentemente desdenhando das apreciações, mas obrigatoriamente sofrendo as consequências dessa dissidência do lugar restrito a elas designado. As teses freudianas e junguianas deixaram um legado que Lou Andreas-Salomé e Sabina Spielrein, em particular, começaram a revisar. Em cada caso analisado, escutaram o relato de uma vida, um "romance vivido", certamente de um homem em sofrimento que resiste a si mesmo a caminho da cura.

## Conclusão

Enquanto as mulheres, na Europa, se reuniram para que a condição feminina se tornasse um assunto da atualidade e de combate, as pioneiras da psicanálise entraram, sozinhas, na cena da introspecção e não da coletividade. Diante de assuntos subversivos que distanciavam Freud da sociedade científica - as teorias sobre a mulher, a sexualidade e o inconsciente - é impressionante observar com que naturalidade essas mulheres assimilaram conceitos ainda inexplorados, modelando-os. Como mulheres, pagaram caro pela liberdade; como analistas, passaram por todas as provas e despertaram o olhar social para o fato de sua marginalidade. Para serem aceitas em um meio masculino, abordaram uma temática especificamente feminina, mas contribuíram amplamente para a compreensão do humano. Elas tinham uma sensibilidade nova em sua abordagem. Em certo sentido, fizeram resistência ao afirmar uma "vocação para o feminino". Foram as arquitetas dessa revolução que foi a psicanálise e as principais figuras do avanço de suas teorias. Todas se engajaram a serviço da palavra psicanalítica, sempre mantendo um sentido profundo de liberdade e de mulher.



## REFERÊNCIAS

- ANDREAS-SALOMÉ Lou. **Lebensrückblick** : Grundriss einiger Erinnerungen (1931-). Édition d'Ernst Pfeiffer. Frankfurt/Main : Insel, 1974 (1951).  
\_\_\_\_\_. **Ma vie** : esquisse de quelques souvenirs. Traduction de Dominique Miermont et Brigitte Vergne. Paris : PUF, 1986 (1977).
- ANDREAS-SALOMÉ, Lou; FREUD, Sigmund. **Briefwechsel**. Édition d'Ernst Pfeiffer, Frankfurt/Main : S. Fischer, 1980 (1966) ;  
\_\_\_\_\_. **Correspondance avec Sigmund Freud** – suivie du Journal d'une année (1912-1913). Traduction de Lily Jumel. Paris : Gallimard, 1970.
- ANDREAS-SALOMÉ, Lou ; RILKE, Rainer Maria. **Briefwechsel**. Édition d'Ernst Pfeiffer. Francfort/Main : Insel, 1990 (1952).  
\_\_\_\_\_. **Correspondance**. Traduction de Philippe Jaccottet. Paris : Gallimard, 1985 (1980).
- CAROTENUTO, Aldo. **Sabina Spielrein** : Entre Freud et Jung. Édition de Michel Guibal et Jacques Nobécourt ; traduction de Mathilde Armand, Marc B. de Launay et Pierre Rusch, Paris : Gallimard, 2004 (1981).
- FROIDEVAUX-METTERIE, Camille. **La révolution au féminin**. Paris : Gallimard, 2014.
- MONS, Isabelle. **Lou Andreas-Salomé**. : en toute liberté. Paris : Perrin, 2012.  
\_\_\_\_\_. **Femmes de l'âme** : les pionnières de la psychanalyse, Paris : Payot, 2015.
- TODOROV, Tzvetan. **Insoumis**. Paris : Robert Laffont ; Versilio, 2015.